

A AUTOFORMAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO DOCENTE

Willyan Ramon de Souza Pacheco; João Paulo da Silva Barbosa; Maria Gerlaine Belchior Amaral

*Universidade Federal de Campina Grande – willyanpacheco@hotmail.com
Universidade Federal de Campina Grande – joaopaulo08barbosa@hotmail.com
Universidade Federal de Campina Grande – gerlaine.ufcg@yahoo.com.br*

Resumo: O texto que segue aborda a autoformação enquanto perspectiva formativa do graduando de Pedagogia com forte impacto sobre a constituição da identidade docente a qual repercutirá, inevitavelmente, no aprimoramento das práticas educativas. As reflexões aqui registradas são decorrentes de estudos, leituras e reflexões realizadas na disciplina Currículo e Escola, no semestre 2016.2, no curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Além das leituras, discussões e reflexões, também, foi vivenciada a experiência de elaboração e execução de um projeto autoformativo, desenvolvido no semestre letivo, através do qual o graduando de Pedagogia buscava refletir sua identidade docente a partir das dimensões: humana, técnica e política. Este artigo tem por objetivo mostrar como a autoformação é um elemento preponderante no âmbito da formação docente capaz de romper com a cultura do estudo mínimo, alterar significativamente a identidade docente e, efetivamente, contribuir para a realização de práticas educativas socialmente referencializadas. Quanto ao percurso metodológico foi realizado um levantamento bibliográfico com aporte teórico nos seguintes autores: Freire (2011), Bauman (2001), Nóvoa (1992), entre outros. Quanto aos resultados o estudo empreendido mostrou a relevância do sujeito docente fortalecer a consciência de inacabamento do ser social e, de modo intencional, buscar por meio da autoformação aprendizagens significativas, saberes, informações e habilidades que contribuam para a construção de uma identidade profissional competente e, desse modo, ressignifiquem os processos de ensinar e aprender vindo de fato a melhorar o padrão de qualidade do ensino. Mostrou ainda, que a construção da identidade docente está estreitamente ligada às suas ações diárias, à postura que este sujeito adota para si e as concepções formativas que são consolidadas no âmbito de sua trajetória. Desse modo, o profissional que compreende a sua formação como atividade contínua e inacabada busca construir conhecimentos para que assim a sua ação seja constantemente aprimorada.

Palavras-chave: Autoformação, Identidade, Mediação docente.

Introdução

Na sociedade contemporânea, também conhecida como a “sociedade do conhecimento”, a necessidade de atualizar-se tem se caracterizado como desafio recorrente para os profissionais da educação. Os professores agora têm como um desafio a mais em sua profissão a responsabilidade de construir uma prática educativa que favoreça a construção de conhecimentos significativos que respondam às necessidades formativas dos educandos. Nessa perspectiva, a autoformação surge como instrumento potencializador da ação docente, ferramenta capaz de ser utilizada para ressignificar princípios, posturas, saberes e o percurso formativo do professor.

Diante disso, abordam-se as dimensões formativas que constituem a identidade do professor que adota a prática autoformativa como método que orienta sua prática docente. Busca-se então, elucidar a singularidade crítico-reflexiva desse profissional que compreende a formação como atividade contínua e inacabada, que evidencia em sua prática cotidiana a necessidade de construir conhecimentos para que assim a sua ação seja constantemente aprimorada, constituindo-se em comunhão com outro, através das interações sociais que reconstrói o saber docente e sua identidade profissional.

Nesse sentido, busca-se aporte teórico em autores que compreendem a autoformação como ação subjetiva que emancipa o sujeito a ser produtor de seus próprios conhecimentos, se construindo a partir das experiências, dos desafios constantes, das inquietações que alimentam a busca incessante pelo conhecimento, evidenciando a autoformação como atividade recorrente que possibilita ao docente romper com a cultura do saber mínimo e, ao mesmo tempo, refletir de forma sistemática a sua postura profissional.

Portanto, busca-se nesse estudo evidenciar a autoformação como atividade constituinte da identidade do sujeito docente, sendo ela caracterizada pela predisposição do professor de fazer uso de sua liberdade e autonomia para buscar novos conhecimentos. Evidenciando-se a autoformação como atividade de caráter ético, político e humanístico que liberta o sujeito das limitações intelectuais e viabiliza a produção de conhecimentos sistemáticos de modo significativo. Nesse aspecto, a autoformação é uma ação que determina de forma efetiva a qualidade do ensino a ser ministrado pelo docente, contribuindo assim, para a melhoria do padrão de qualidade do ensino em qualquer nível ou modalidade em que o docente possa atuar.

Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo foi o levantamento bibliográfico. Nesse sentido, utilizamos como referencial teórico estudos e pesquisas dos seguintes autores: Freire (2011), Bauman (2001), Nóvoa (1992), outros estudiosos que compreendem a autoformação como possibilidade para superar desafios inerentes à formação docente, constituindo-se como ferramenta potencializadora da formação inicial, instrumento de aprimoramento e ressignificação possibilitado para construir uma identidade profissional competente e autêntica.

A pesquisa bibliográfica é um tipo de pesquisa que possibilita ao sujeito explorar de forma sistemática diversas obras ou publicações científicas que estejam relacionadas à

temática em estudo, reunindo informações consistentes que contribuam para o desenvolvimento de um trabalho científico ou não. A pesquisa bibliográfica oportuniza o acesso de informações relevantes ao público geral, podendo estar ligada a obras físicas ou buscas em *web sites*.

Autoformação e identidade docente

O sujeito docente se constitui a partir de experiências, mas não só de experiências, de reflexões, de teoria e prática, dos processos formativos que direcionam sua prática a um estágio significativo de sua formação, sua autoformação. Não no ato explícito de auto formar-se sem mediação de outro profissional, mas o ato de auto identificar-se, de auto avaliar-se, da inquietação permanente e da certeza de incompletude, como adverte Freire (2011, p. 57): "é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente". Diante disso, podemos explorar a dimensão humana, política e profissional do docente que se constitui a partir de práticas autoformativas.

A educação contínua é a prática que se reconstrói em bases cada vez mais sólidas, é o significado subjetivo de estar sempre à procura de algo, de sentir-se incompleto e dependente de saberes cada vez mais atualizados que correspondam às suas necessidades. É o compromisso com a formação dos discentes e com sua própria formação. Por isso, a certeza de inacabamento deve ser evidenciada, o profissional deve estar cênscio de sua reconstrução contínua, da importância de ressignificar sua prática pedagógica para atender as especificidades de cada aluno, oportunizando a aquisição significativa dos conteúdos ministrados.

A construção da identidade do sujeito docente está ligada às suas experiências, como também às teorias, às suas práticas e, acima de tudo, a constante reflexão sobre ambas. É nesse devir, nesse campo de possibilidades que o docente se constrói e se refaz, ao passo que a pós-modernidade ou modernidade-líquida, o confronta com suas próprias incertezas, conforme Bauman (2001). Nesse sentido, o docente se compromete com a construção e reconstrução de sua identidade, direcionando sua ação pedagógica a uma postura ética, compromissada com o desenvolvimento cognitivo e intelectual dos discentes, aprimorando-se cotidianamente através das experiências que o constitui como eterno aprendiz.

No entanto, construir uma identidade sólida na modernidade-líquida é como nadar contra a corrente, assim, o docente tem como sua missão permanente a constante atualização de seus conhecimentos, mas sem descartar o que se conheceu, antes, conhecendo e

assimilando o que agora se conhece, é o ato constante de aprender a aprender, o que Bateson (apud PORCHEDDU, 2009, p. 668) chama de deuteroaprendizagem. Assim, não seria a autoformação o descarte de conhecimentos, mas a ressignificação destes, a atualização, seria agregar conhecimentos significativos para potencializar sua prática docente.

O profissional que agora se constitui a partir de suas práticas autoformativas é o profissional reflexivo, o educador que na sua trajetória de aprendiz transfigura-se na imagem daquele que momentaneamente tudo sabe, entretanto, sua certeza é breve como as suas teorias, a sua identidade se transforma e se liquefaz, se solidifica apenas em sua práxis que agora reflete saber para aqueles que constroem o conhecimento ao seu redor. É nessa reflexividade crítica que o docente aprende ao ensinar e ensina ao aprender, são nesses espaços de construção que o docente é visto como mediador e não transmissor do conhecimento, é esclarecido como sujeito também passível de aprendizagem.

Em decorrência disso, a inquietação recorrente (uma das características da autoformação que possibilita a reflexão crítica) está na autonomia de escolher os caminhos formativos para si, que logo influenciarão a todos à sua volta. A busca constante e reflexiva vai aperfeiçoando a identidade docente, conforme assinala Freire (2011, p. 40) "é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.". E é nessas relações de procura, de inquietação e de práxis que se constitui a identidade daquele que faz a educação acontecer em suas múltiplas dimensões. É por meio da reflexão crítica, que nasce na consciência de inacabamento, que uma ação autoformativa intencional pode ser desenvolvida com o objetivo de redimensionar experiências vividas, mas que não correspondem às demandas atuais.

Na modernidade-líquida tudo se transforma rapidamente, tudo se desfaz e se refaz, tudo é descartável (BAUMAN, 2001). Nessa afirmação nos perguntamos: por que com o saber seria diferente? Nos perdemos em um breve espaço de tempo e somos submetidos ao acúmulo de saberes, ou ao descarte momentâneo daquela informação que naquele momento não é necessário. O professor que está inserido nessa sociedade, que vê o conhecimento fragmentado e não consegue prosseguir atualizando-se, fica para trás, é chamado de velho, inútil, ultrapassado. Essa cruel realidade pode, por vezes, transformar a profissão docente numa prática cansativa, sobrecarregada e monótona.

Porém, precisamos compreender que os conhecimentos apreendidos não precisam necessariamente serem descartados, mas sim, ressignificados, adaptados a uma nova realidade social, precisamos compreender a ação formativa dessas práticas que redimensionam a

profissão docente e reconstrói suas certezas. É nessa perspectiva que a autoformação é imprescindível e necessária, não para acúmulo de técnicas e saberes, mas para a reflexão crítica sobre as práticas e, assim, para a constituição da identidade. Nessa perspectiva, Nóvoa (1992, p.25) adverte que “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal”.

Nessa perspectiva, a constituição da identidade docente não está estruturada em bases imutáveis, mas sim na consciência de que a mudança é necessária. Saber e poder caminham juntos como ser e não ser e o profissional que se limita em sua formação básica, não é. A docência requer predisposição e compromisso ético, é necessário amar o que se faz e fazer com amor para que assim a sua construção e reconstrução constante não seja uma obrigação, uma tortura, uma ação cansativa, mas sim, uma satisfação por se sentir útil e necessário para a transformação social, moral e ética na vida de alguém.

É nesse aspecto que trazemos a nossa *pessoalidade* na nossa *profissionalidade*, não se pode dicotomizar aquilo que é daquilo que faz, ensinamos aquilo que somos e naquilo que somos se encontra muito daquilo que ensinamos, o professor é a pessoa e a pessoa é o professor, não sendo possível separar as dimensões pessoais e profissionais (NÓVOA, 2004). Não podemos trocar as vestimentas que nos constituem como sujeitos humanos e políticos e vestir-nos de sabedoria e magistrado para atuar em salas de aula de modo técnico, não podemos separar as dimensões formativas e humanas, nos constituímos de ambas e refletimos as influências de ambas nas ações diárias, sejam elas profissionais ou não.

Assim sendo, a construção da identidade pessoal e profissional é homogênea, o professor em sua autoformação está se constituindo enquanto profissional e enquanto ser humanizado e sensível às pluralidades do ato educativo. É nesse sentido que os processos autoformativos nos permitem adentrar nos contextos sociais do educando, tornando-nos sujeitos competentes e qualificados para mediar práticas significativas que contextualizem o saber e o direcionem a produção emancipada, evidenciando no aluno a capacidade de construir conhecimentos, tornando-os também sujeitos de sua própria formação.

No âmbito dos processos formativos, que a autoformação possibilita para aquisição de saberes necessários para sua prática docente reflexiva, o profissional que se predispõe a formar-se - no sentido amplo de estar em constante transformação em busca pelo saber significativo e atualizado momentaneamente - se abre as possibilidades de aprendizagem ao saber que encontra a essência de sua profissão na inquietação pela busca de poder mais

através do conhecimento, de firmar sua identidade como uma postura de referência e integridade.

Nesse sentido, é refletindo sua postura profissional, sua personalidade e sua base metodológica (conjuntos de métodos pedagógicos e técnicas de ensino que possibilitem a interação e a construção de conhecimento significativo para o desenvolvimento e a constituição do sujeito crítico) que a identidade sobre o sujeito docente se molda e se desfaz, se destrói e se reconstrói na busca eminente pelo saber mais, no devir, na impossibilidade de manter-se estruturado.

A autoformação como prática constante e libertadora se traduz em elemento constitutivo da identidade e, essa identidade, reflete aquilo que está sendo construindo diariamente, que está sendo desenvolvido, mediado coletivamente pelas interações sociais que são oportunizadas no âmbito da sala de aula. Desse modo, a identidade do sujeito docente se estrutura em suas ações, nas práticas de organização e planejamento, na intencionalidade que direciona e determina a qualidade de sua prática docente. Ainda sobre a constituição dessa identidade como processo contínuo e necessário, Coêlho (2016, p. 144-145) assinala que,

A identidade dá-se a partir desse olhar da possibilidade de construção de maneira como cada um se sente e se diz professor, ou melhor, como cada professor, com sua maneira de ser e de estar na profissão, consegue organizar e estruturar seu processo identitário, em uma estreita relação entre o eu profissional e o eu pessoal.

A autoformação surge no âmago da incompletude, e ser incompleto é estar em busca constante pela parte que vos falta. Ainda no processo de formação docente, a necessidade de autoformação traz luz a busca de ser mais naquele espaço delimitado e breve que se resume ao saber sistematizado, avaliar-se em seu processo formativo é uma prática autoformadora, é o estágio que divide as fronteiras do professor e do professor reflexivo, submeter-se a prática constante de se autoavaliar e de transformar-se constantemente no melhor que possa ser é a singularidade do processo autoformativo, da construção da identidade e da reflexividade crítica de suas ações humanas e profissionais.

Nessa perspectiva, constituir-se, instruir-se e desenvolver-se, preparando-se teórico-metodologicamente para o exercício de uma profissão, significa educar-se através de interações sociais e trocas de experiências que possibilitem aos sujeitos docentes em formação confrontar teoria e prática para assim construir sua identidade docente (COÊLHO, 2016). Nesse sentido, devemos elucidar que a construção dos conhecimentos que efetivam a atuação docente, não precisa ser determinada apenas pela concepção autoritária do que deve ser explorado ou não, mas sim pelas interações dos alunos que podem

contribuir sistematicamente para o desenvolvimento de uma prática inclusiva que materialize o conhecimento abstrato e oportunize de forma concreta sua internalização.

É nessa busca incessante pela formação contínua, que não se limita aos profissionais já graduados, mas antes, atentam ainda aos graduandos a refletirem suas práticas discentes e a confrontarem suas teorias nas relações sociais, que se constrói conhecimento e aprendizagem, possibilitando práticas coletivas de produção de conhecimento. Assim, os profissionais graduados e em processo de graduação devem elucidar suas bases metodológicas e se conscientizam da necessidade de mudança, mas de uma mudança que venha a partir do sujeito, subjetivamente, de uma prática reflexiva de autoformação, da autonomia do pensamento crítico de transformar-se e avaliar-se constantemente para chegar a sua práxis.

Métodos autoavaliativos e estruturas curriculares flexíveis que estimulem o exercício de uma prática autoformadora são imprescindíveis para o processo de construção desses atos reflexivos e constituintes da identidade docente. Projetos formativos, avaliações subjetivas e atividades práticas são exemplos de métodos a serem inseridos em todo o percurso formativo e de autoformação do sujeito discente e do profissional docente, além também da importância da flexibilidade do professor. É necessário que essas práticas tornem-se espontâneas e intencionais. E na medida do possível com a mediação docente de um profissional da educação mais experiente e profissionalmente competente. O sujeito em formação deve abrir-se às possibilidades formativas de seu tempo, como por exemplo a otimização das Tecnologias de Informação e Conhecimento, hoje disponíveis.

Nesse sentido, aponta-se a autoformação como instrumento potencializador do desenvolvimento pessoal e profissional em qualquer área. No âmbito educacional, constitui ferramenta imprescindível para aquisição de saberes significativos na constituição da identidade profissional, com vistas ao desenvolvimento de uma prática educativa socialmente referencializada, por outros termos, que efetivamente transforme a vida dos educandos aos lhes oportunizar situações de aprendizagem que favoreça um melhor exercício da cidadania, ingresso em estudos posteriores e, sobretudo, inserção no mercado de trabalho.

Considerações provisórias

O professor, como sujeito em constante formação deve estar ciente de sua incompletude, da necessidade constante de buscar mecanismos que possibilitem o aperfeiçoamento e a atualização de suas práticas pedagógicas, com vistas a responder as demandas educativas contemporâneas. É nessa perspectiva que a autoformação possibilita ao

docente refletir criticamente sobre suas ações, acerca de sua postura profissional e, também, acerca dos desafios encontrados diariamente, conduzindo o professor ao redimensionamento de sua prática, produzindo significados em suas ações e viabilizando a construção de uma identidade profissional compromissada com sua formação e com a formação dos sujeitos discentes.

A autoformação é caracterizada pela responsabilidade que o professor adota para si, pela predisposição profissional de se reconstruir cotidianamente para aprimorar seus conhecimentos e ressignificar sua postura docente. É no campo do compromisso social que a autoformação surge como possibilidade de realizar um diferencial nas práticas educativas tão carentes de significado e de impacto social. Tendo em vista os muitos dados apresentados pelos indicadores sociais e, também, pela repulsa de muitos estudantes às práticas ultrapassadas que ainda permeiam o cenário educacional do País.

Sendo assim, a identidade do sujeito docente se constitui a partir das muitas experiências vivenciadas na trajetória de sua profissão. Ações que são direcionadas pela consciência de incompletude e inacabamento, postura que se consolida na autoformação, instrumento determinante na constituição do sujeito docente que compreende seu papel social e, sobretudo, o impacto da educação (seu trabalho) no desenvolvimento de outros sujeitos e, conseqüentemente, no desenvolvimento social.

Diante do que foi registrado neste trabalho, evidenciamos a autoformação como atividade orientadora da prática docente, podendo ser utilizada como ferramenta potencializadora da construção de conhecimentos significativos. Nesse sentido, a autoformação surge como alternativa formativa para redimensionar a prática docente em todas as suas múltiplas dimensões (conteúdo, metodologias, avaliação, etc.). O docente que leva a sério a sua formação altera de modo significativo a qualidade (e os sentidos) do seu trabalho.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. Entrevista sobre a educação realizada por Alba Porcheddu. Tradução de Mariana Nobile. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, maio/ago. 2009.

COÊLHO, Raimunda de Fátima Neves. Formação, identidade docente, demandas sociais atuais e contemporaneidade: tempos de vivência da pesquisa em pedagogia. In: SANTIAGO, Stella Márcia de Moraes.; LOPES, Wiama de Jesus Freitas. (Orgs.). **Formação de professores e identidades docentes em questão: o que nos ensina os 35 anos da pedagogia**

no alto sertão paraibano. Fortaleza: Imprece, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

NÓVOA, António. Currículo e Decência: a pessoa, a partilha, a prudência. In: PEREIRA, M. Zuleide da Costa.; GONSALVES, Elisa Pereira.; CARVALHO, M. Eulina Pessoa de. (Orgs.). **Currículo e contemporaneidade**: questões emergentes. Campinas, SP: Editora, Alínea, 2004.

_____ Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.